

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

**WESLEY GAMBARINI SALVADOR**

**A SIGNIFICAÇÃO ASCÉTICA EM NIETZSCHE A PARTIR DE GENEALOGIA DA  
MORAL**

**VITÓRIA  
2025**

WESLEY GAMBARINI SALVADOR

**A SIGNIFICAÇÃO ASCÉTICA EM NIETZSCHE A PARTIR DE GENEALOGIA DA  
MORAL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de Filosofia  
do Centro de Ciências Humanas e Naturais  
da Universidade Federal do Espírito Santo,  
como requisito parcial para obtenção do grau  
de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Wander Andrade de Paula.

## Folha de aprovação

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo, intitulado A significação ascética em Nietzsche a partir de genealogia da moral, de Wesley Gambarini Salvador, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em filosofia. **Aprovado ou reprovado no dia, mês ano pela seguinte banca examinadora:**

---

Prof. Dr. UFES  
Orientador Wander Andrade de Paula

---

Prof. Dr.  
Universidade

---

Prof. Dr.  
Universidade

Aos que não desistem, mesmo banhados de motivo.

## **AGRADECIMENTOS**

A Thamis, meu grande amor, pela parceria, pelo encorajamento, pelo sentido, pelo super apoio.

A minha mãe, pelas batalhas vencidas para que eu pudesse estar aqui.

A Milena, pela amizade, pela força, por estar sempre ao meu lado.

A meu avô, José, pela calma e carinho.

Fórmula da minha felicidade: um sim, um não,  
uma linha reta, uma *meta*...

Friedrich Nietzsche (1888)

## RESUMO

A expressão de “ideais ascéticos” é de grande importância nas obras de Friedrich Nietzsche. É através de tal conceito que podemos analisar, segundo a sua ótica, toda a história da moralidade humana e os hábitos hostis à vida que se são correspondentes. Este trabalho propõe analisar a função desempenhada pelos ideais ascéticos em cada âmbito da cultura, no que diz respeito especialmente à busca por respostas ao problema da existência: arte, filosofia, religião e ciência. A análise se inicia justamente no estudo dos ideais ascéticos em cada um desses âmbitos na obra de Nietzsche, para então, investigar, a partir de intérpretes da obra do filósofo alemão, a contradição existente na prática ascética e a relação dos ideais ascéticos com os conceitos de ressentimento e niilismo.

**Palavras-chave:** Ideal ascético; Niilismo; Ressentimento.

## ABSTRACT

The expression of "ascetic ideals" holds great significance in the works of Friedrich Nietzsche. It is through this concept that we can analyze, according to his perspective, the entire history of human morality and the life-hostile habits that correspond to it. This work proposes to examine the role played by ascetic ideals in each realm of culture, particularly in relation to the search for answers to the problem of existence: art, philosophy, religion, and science. The analysis begins precisely with the study of ascetic ideals in each of these realms within Nietzsche's work, and then proceeds to investigate, based on interpreters of the German philosopher's work, the contradiction inherent in ascetic practice and the relationship between ascetic ideals and the concepts of resentment and nihilism.

**Key words:** ascetic ideals; nihilism; resentment.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DOS IDEAIS ASCÉTICOS</b> .....	12
2.1 O ideal ascético no âmbito da arte .....	12
2.2 O ideal ascético no âmbito da filosofia .....	14
2.3 O ideal ascético no âmbito da religião .....	16
2.4 O ideal ascético no âmbito da ciência .....	19
<b>3. CONTRADIÇÃO NA PRÁTICA ASCÉTICA, RESSENTIMENTO E NIILISMO</b> .....	21
3.1 Contradição ascética .....	21
3.2 Ressentimento e niilismo .....	23
<b>4. CONCLUSÃO</b> .....	27
<b>5. REFERÊNCIAS</b> .....	30

## 1. INTRODUÇÃO

Ante o niilismo de sua época, especialmente aquele representado pela filosofia de seu mestre Arthur Schopenhauer, Nietzsche buscará compreender todos os âmbitos da cultura a partir de um ponto de vista inovador na história da filosofia. O autor busca, assim, analisar manifestações culturais a partir do ponto de vista do niilismo, e, ainda mais especialmente, do que ele denominou de “ideais ascéticos”. Para Nietzsche, os ideais ascéticos são aqueles que, desde muito cedo na história da humanidade, irão influenciar e determinar fortemente os âmbitos que compõem a cultura, são esses ideais que, em alguma medida, determinarão a normatividade do que Nietzsche denomina de cultura ocidental decadente e niilista.

Nietzsche analisa aqueles que considera os principais âmbitos da cultura, a ciência, a arte, a religião e a filosofia. Seu trabalho será, portanto, o de compreender como os ideais ascéticos fundamentam e direcionam esses quatro âmbitos da cultura. Entretanto, a obra nietzschiana não se resume somente a isso. Vai além. A análise nietzscheana nos mostra perfeitamente a estruturação de um povo, desde sua gênese até seu ápice. Rica em relatos históricos, Nietzsche nos traz um pouco do humano e seus conceitos do que significa moralidade.

Mais do que uma análise de seu tempo, Nietzsche, em *Genealogia da moral*, nos fornece uma narrativa que nos permite ver a história da filosofia de um modo completamente diferente. Prova disso é que, no decorrer do livro, percebe-se que, sem os ideais ascéticos, a filosofia nem existiria, pois eles são fundamentais, essenciais e indispensáveis para a filosofia. O ideal ascético seria como um instinto para os filósofos, de modo que, segundo sua visão, estes nasceram de tais ideais, e os utilizaram para sobreviver.

Antes de analisar cada uma das principais manifestações do ideal ascético, Nietzsche nos adianta que o fato de o ideal ascético ter significado tanto ao humano evidencia também outro fato, sobre como o humano viu e entendeu o mundo e as coisas a sua volta, um fato que determina a ação do ser humano. Este fato é o *horror vacui*, isto é, o horror ao vácuo. O ser humano é aquele que tem horror ao vácuo, à falta de sentido. O ser humano precisa de uma meta, de um objetivo, de um sentido. Para o humano, a realidade é pesada, o mundo não é adverso a ele próprio, o mundo precisa possuir um significado.

Desse modo, o ser humano, prefere ter que procurar algo, ter algo como objetivo, meta. Somente assim ele se sente seguro e completo, mesmo que o objeto seja até mesmo o nada – , ou, na visão de Nietzsche, Deus.

Este tema se faz relevante na medida em que conseguimos refletir sobre a gênese de toda nossa moral ocidental. Quando sabemos a causa daquilo que nos afeta, conseguimos entender e trabalhar sob um melhor entendimento. Além disso, a análise dos ideais ascéticos tem como pressupostos os temas fundamentais do niilismo e ressentimento. Todos esses conceitos estão estruturalmente entrelaçados e fazem parte de um complexo debate que nos permite interpretar a condição contemporânea do humano.

Temos como objetivo deste trabalho a análise exegética do conceito de ideais ascéticos. Mostrar como esses ideais se emaranharam na arte, ciência, religião e filosofia. Nosso segundo objetivo é discutir em que medida tais ideais são fundamentalmente contraditórios , pois eles negam e afirmam a vida ao mesmo tempo.

Utilizamos como referência principal obras de Nietzsche, em especial *Genealogia da moral*, bem como obras de intérpretes do pensamento do filósofo alemão.

No primeiro capítulo iremos discorrer sobre os ideais ascéticos em cada âmbito da cultura seguindo exatamente bem como disposto na *Genealogia da moral*. Começaremos a análise investigando a arte. É com Richard Wagner que se dará o centro da investigação. Nietzsche se pergunta o que pode ter acontecido para alguém com Wagner ter, no final de sua vida, rendido elogios aos ideais ascéticos. O que leva uma pessoa, depois de uma vida voltada para a criação de uma música forte e elevada, encerrar sua carreira com a figura do Parsifal, puritano e decadente? No segundo caso, verificaremos o episódio da filosofia. Em que medida a filosofia nasceu e bebeu dos ideais ascéticos? Essa pergunta é respondida por Nietzsche colocando a gênese da filosofia como efeito dos ideais ascéticos. Em outras palavras, a filosofia nasce através dos ideais ascéticos e usa estes ideais para sobreviver. Negam a vida em detrimento da suposta verdade. Já no caso da religião, os ideais ascéticos são observados sob a figura do sacerdote ascético. Este é o responsável pela mudança de direção do ressentimento. O humano agora não vê mais na natureza seu inimigo, agora seu principal problema é si mesmo. O ser humano passa a ser um pecador e é obrigado a abandonar seu corpo em detrimento daquilo que é espiritual. O sacerdote

ascético é o médico do rebanho, ele cura os pecadores deste mundo cheio de impurezas, ele os controla com a força do ressentimento voltado para si. Por último, analisamos os ideais ascéticos no âmbito da ciência. Acredita-se que a ciência tinha como principal missão o dever de contradizer o asceticismo, porém, também sucumbiu à tentação da verdade. A crença no progresso científico não nos mostrou o fim do asceticismo. Pelo contrário, a espécie humana ainda continua em uma ininterrupta luta contra ela mesma.

No segundo capítulo, procuro mostrar a contradição existente na prática ascética, a relação dos ideais ascéticos com ressentimento e niilismo. A contradição na prática ascética ocorre quando se nega a vida real, o mundo em si, visando uma outra existência. O asceta possui como objetivo um “além”, entretanto, sua crença nesse além acontece no aqui, no mundo em que está situado. A relação entre o ressentimento e o ideal ascético está na mudança que este último provoca no modo de ser da humanidade. O ressentimento é voltado para dentro de si. Não existe mais um culpado, mas sim um pecador.

Com este trabalho, pretendemos iniciar a compreensão do que significou o conceito de ideal ascético na obra de Nietzsche. Nossa pretensão é discorrer sobre o conceito e explanar sua relevância – a fim de abrir possibilidades de pensar a atualidade .

## **2. AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DOS IDEAIS ASCÉTICOS**

### **2.1 O ideal ascético no âmbito da arte**

A análise de Nietzsche dos significados dos ideais ascéticos, tal como está disposto em *Genealogia da moral*, inicia-se com a arte. Para Nietzsche, o ideal ascético no âmbito da arte traduz-se inteiramente em Richard Wagner, grande músico e teatrólogo revolucionário da época do romantismo alemão, que Nietzsche nos apresenta a primeira significação do ideal ascético. Lançando mão do questionamento: “o que significa um artista como Richard Wagner render homenagens à castidade em sua velhice?” (NIETZSCHE, 2009, p. 80). Nietzsche faz uma contraposição de dois momentos distintos de Wagner. O primeiro é quando Wagner é forte, quando suas obras representam o ideal de um ser humano potente, legislador

de si; já o outro é representado pelo velho Wagner, o Wagner carcomido, sem força, sem vontade, deixado levar pelo medo da morte, o Wagner do retorno aos ideais mórbidos cristãos.

No final de sua carreira, Wagner teria se tornado seu oposto.

Ora, o que pode significar isso? Deve-se tomar a sério a encenação do asceticismo pelo artista? O exemplo do artista nos exibiria, em todo seu peso, a seriedade da existência ascética, expressa em seus sentimentos e valores? A resposta é negativa, e isso por duas razões: em primeiro lugar, porque os artistas não são personagens culturais suficientemente independentes para tanto. Mesmo seu asceticismo é derivado. Como apoio e legitimação de sua atividade criadora e visão de mundo, eles carecem da autoridade da filosofia. Os valores consagrados pelos artistas são instituídos em outro plano espiritual, a saber, por meio da fundamentação filosófica. Wagner, por exemplo, seria impossível como artista sem a metafísica da vontade e o niilismo ético de Schopenhauer (GIACÓIA, 2001, p. 55).

De um musicista poderoso e à frente de seu tempo, tornou-se um velho decadente e obscurantista. Nietzsche propõe que essa guinada talvez seria um sátiro adeus do grande musicista. O Parsifal, personagem desse último momento de Wagner, seria uma insana ironia, uma zombaria para demonstrar sua superioridade para com sua obra. Entretanto, sabendo que essa salvação não era verdadeira, o correto seria separar a obra do artista. Portanto, não podemos analisar a obra wagneriana com a mesma seriedade com que se analisa o próprio autor, assim, poderíamos sempre lembrar de Wagner em seu ápice.

Mesmo após uma vida inteira voltada para a crítica aos costumes cristãos, Wagner não conseguiu findar sua vida como grande herói. Nietzsche explica: “Como Wagner deve ter afinidade com a *décadence* europeia em geral, para não ser percebido por ela como *décadent!* Ele pertence a ela: é seu protagonista, seu maior nome...” (NIETZSCHE, 2016, p. 18). Os ideais ascéticos, quando se mostrados na arte, portanto, pode significar a ruína ou a consagração do artista. Nietzsche nos fala: “O que significam então os ideais ascéticos? No caso de um artista, já compreendemos: nada absolutamente!... Ou tantas coisas, que resultam em nada!” (NIETZSCHE, 2009, p. 84). No caso de significar algo, evidencia-se que a arte nos serve como entretenimento, a arte seria uma forma de suportar o cansaço e o esgotamento do niilismo. A arte, quando não alinhada aos ideais ascéticos, é a redenção contra o Nada, o vácuo.

Dessa forma, concluímos que para o jovem Wagner, os ideais ascéticos significaram pouca coisa, algo para ir contra. Essa foi sua fase forte e heroica. No fim,

já rendido, Wagner deixou-se levar pela morbidez carnal e floreios de uma vida além desta.

## 2.2 O ideal ascético no âmbito da filosofia

No que se refere no caso da filosofia, por ser interlocutor direto de Schopenhauer, Nietzsche se vê na necessidade de ir contra o pensamento de seu contemporâneo que diz que não há a possibilidade de negar completamente a vontade. Desde os primórdios da filosofia ocidental, o ideal ascético já se apresentava de forma exaltada pelos pensadores. Em Sócrates podemos comprovar este fato quando diz que, para chegar à verdade do mundo em si, é preciso se abster dos prazeres carnis e não se deixar guiar pelas sensações. Analisando a história da filosofia, vemos que,

em todas as épocas, os mais sábios julgaram da mesma maneira a vida: ela não vale nada... Sempre e em toda parte se ouviu o mesmo tom de sua boca, - um tom pleno de dúvida, de melancolia, de cansaço da vida, de oposição contra a vida. Mesmo Sócrates disse quando morreu: “viver – isso significa estar doente por muito tempo: devo um galo a Asclépio salvador” (NIETZSCHE, 2014, p. 17).

Todo o naturalismo, todo sensualismo é relegado, portanto, ao campo do enganoso. O ideal ascético, assim sendo, adquire um caráter de negação do corpo, na medida em que pretende fornecer explicação ao sentido da vida. O mesmo procedimento está presente em Schopenhauer, na medida em que seu pensamento busca a redenção do sofrimento por meio de sua filosofia da arte.

Além de que, Schopenhauer se enquadra ainda como um filósofo metafísico, pois sua tese baseia-se em uma ordenação cósmica que é guiada por uma “vontade”. Essa “vontade” existiria necessariamente e, por meio dela, a vida seria possível. Fica evidente como Schopenhauer tem como base a estética kantiana, no sentido de arquitetar a estrutura para a possibilidade da “vontade”. Para Kant, o belo é aquilo que agrada sem interesse, ou seja, a experiência estética está intrinsecamente ligada ao desprazer, ao cancelamento dos instintos naturais.

Para os filósofos, o ideal ascético é como um instinto. Sem os ideais ascéticos, a filosofia não teria nascido. Portanto, todos os filósofos são, por natureza, ascetas. Nietzsche completa:

Existe incontestavelmente, desde que há filosofia na terra, e em toda parte onde houve filósofos (da Índia à Inglaterra, para tomar os dois polos da aptidão para a filosofia), peculiar irritação e rancor dos filósofos contra a sensualidade – Schopenhauer é apenas a sua eloquente e, tendo-se ouvidos para isso, a sua mais cativante e arrebatadora erupção -; (NIETZSCHE, 2009, p. 88).

O asceta é aquele que possui a “vontade de deserto”. Essa vontade é a vontade do nada, da completa negação. Completando a explicação da personalidade do asceta, Nietzsche exprime:

Vê-se que não são juízes e testemunhas imparciais do valor do ideal ascético, esses filósofos! Eles pensam em si – que lhes importa “o santo”! Pensam no que lhes é mais indispensável: estar livre de coerção, perturbação, barulho, negócios, deveres, preocupações; lucidez na cabeça, dança, salto e voo dos pensamentos; um bom ar, fino, claro, livre, seco, como é o ar das alturas, em que todo animal torna-se mais espiritual e recebe asas; paz em todos os subterrâneos; todos os cães bem amarrados à corrente; nenhum latido de inimizade e de cerdoso rancor; nenhum verde roedor de ambição ferida; vísceras modestas e submissas, diligentes como moinhos, mas distantes; o coração alheio, além, futuro, póstumo – em suma, eles pensam no ideal ascético como o jovial asceticismo de um bicho que se tornou divino e ao qual nasceram asas, antes flutua sobre a vida do que nela pousa (NIETZSCHE, 2009, p. 90).

Assim Nietzsche caracteriza a persona do filósofo ascético - expressão esta que, cabe ressaltar, seria, na visão de Nietzsche, um pleonasma, se levado em conta o modo com que se deu a filosofia em grande parte da história. Desde muito cedo houve um rancor, um afastamento, pelos filósofos, daquilo que é natural, daquilo que pertence aos instintos. Para se obter o conhecimento, é necessário eximir-se das sensações, pois elas são enganosas e desvirtuam nossa atenção daquilo que realmente importa, daquilo que está velado pelos instintos. Kant, em sua tese sobre o belo, afirmara que o belo “[...] é o que agrada *sem interesse*” (NIETZSCHE, 2009, pg. 86). Nesta tese está inserida muito dos ideais ascéticos, ou seja, para se ter a experiência real e definitiva do belo, sem possibilidade de estarmos sendo enganados, é preciso despir-se dos interesses, das sensações e sentimentos que sentimos. Giacóia nos auxilia no entendimento dos significados dos ideais ascéticos para os filósofos:

Por essa razão, os filósofos sempre se notabilizaram por seu retraimento, pelo isolamento, pela aspereza de suas condições de vida. Filósofos em todos os tempos, sempre estiveram em oposição à sua época e aos seus contemporâneos. Aliás, os filósofos são, nesse sentido, a encarnada má

consciência de seu respectivo tempo. Daí derivam os modos graves, a seriedade, a atmosfera sombria, a aura de mistério com que se envolveram em todos os períodos históricos, os chamados amigos da sabedoria, aqueles que, pretensamente, têm participação em outro mundo, um mundo verdadeiro, distinto da mera aparência de realidade, que nos fornece esse inconsistente mundo de sombras e ilusões em que se move o comum dos mortais (GIACÓIA, 2001, p. 57).

O filósofo, portanto, é aquele que ascende ao mundo espiritual do conhecimento, da verdade em si. O mundo palpável no qual vivemos é deveras incerto, volátil e não previsível. O objetivo do filósofo se torna buscar o caminho para uma outra realidade onde a verdade de todas as coisas está estabelecida. Podemos resumir o personagem do filósofo em três palavras: humildade, pobreza e castidade. Para o filósofo, não lhe importa sua colocação na sociedade, seus bens materiais e sua fortuna. O filósofo nega sua sexualidade, alegando desvio do caminho da verdade. Podemos verificar aqui uma forte verossimilhança, em termos históricos, com o cristianismo, pois neste também há uma negação das sensações em detrimento daquilo que é sagrado.

Para finalizar o que o ideal ascético significa para o filósofo, Nietzsche diz que

[...] por um longo tempo o ideal ascético serviu ao filósofo como forma de aparecer, como condição de existência — ele tinha de representá-lo para poder ser filósofo, tinha de crer nele para poder representá-lo. A atitude à parte dos filósofos, caracteristicamente negadora do mundo, hostil à vida, descrente dos sentidos, dessensualizada, e que foi mantida até a época recente, passando a valer quase como a atitude filosófica em si — ela é sobretudo uma precariedade de condições que a filosofia surgiu e subsistiu: na medida em que, durante muitíssimo tempo, não teria sido absolutamente possível filosofia sobre a terra sem o invólucro e disfarce ascético, sem uma autoincompreensão ascética (NIETZSCHE, 2009, p. 97).

Portanto, conclui-se que, diferentemente do artista, onde o ideal ascético pode significar muito ou pouco, para o filósofo o ideal ascético somente significa muito, pois, “em todo filosofar, até o momento, a questão não foi absolutamente a ‘verdade’, mas algo como diferente, saúde, futuro, poder, crescimento, vida...” (NIETZSCHE, 2012, p. 12). É como se um fosse obrigatoriamente necessário para a existência do outro.

### 2.3 O ideal ascético no âmbito da religião

O significado do ideal ascético, até o momento analisado, é o de fornecer respostas últimas ao drama da vida. É no sacerdote ascético onde encontramos o real

problema que Nietzsche pretende argumentar. Aqui está presente o cerne aquilo onde o asceticismo se manifesta. “Somente agora, após avistarmos o sacerdote ascético, atacamos seriamente o nosso problema: o que significa o ideal ascético? — agora a coisa fica ‘séria’: temos o próprio representante da seriedade à nossa frente” (NIETZSCHE, 2009, p. 98). O ideal ascético no âmbito da religião traduz-se na figura do sacerdote ascético.

Já no início da análise do sacerdote ascético, Nietzsche resume sua principal característica: “O sacerdote ascético tem nesse ideal não apenas sua fé, mas também sua vontade, seu poder, seu interesse” (NIETZSCHE, 2009, p. 98). De antemão podemos concluir que, para a religião, o ideal ascético também significa muita coisa, é algo importante e inerente na existência de ambos. O que significa dizer que o sacerdote vê no ideal ascético não só sua fé, mas sua vontade, seu, poder e interesse? Primeiramente, sua fé remete a criação de uma outra existência, de um outro mundo. O sacerdote ascético é aquele que busca criar uma outra existência, em detrimento da em que vive, justamente porque não consegue sobreviver a ela. Ele – o sacerdote – compreende o mundo como inseguro, contaminado e impuro. Seu poder e seu interesse, secundamente, referem-se ao modo de ser do sacerdote na sociedade. Ele é o líder do rebanho de malogrados que o seguem. Ele utiliza o ideal ascético ao seu favor, como uma arma, a fim de unificar e manter o controle de seus seguidores. O sacerdote vê no ideal ascético também uma forma de redenção da vida, pois acredita que ele deve ser o líder em busca da salvação e do conhecimento.

Adiante, mais uma caracterização do sacerdote ascético nos é apresentada. O sacerdote ascético age como médico, pois “o ideal ascético nasce do instinto de cura e proteção de uma vida que degenera” (NIETZSCHE, 2009, p. 101). O sacerdote, portanto, além de pastor do rebanho, guiador das ovelhas à salvação, é também médico delas. Assim como o filósofo, fica claro que o sacerdote também é um negador da própria existência, do próprio mundo em que vive. Para o sacerdote, essa vida somente serve como ponte para uma outra, além. O sacerdote quer se tornar um outro, ele rejeita seu corpo carnal, ele deseja tornar-se a verdade em si. Segundo Woodward, “[...] esses falsos senhores são inconscientemente escravos, pois os objetivos que perseguem são perfeitamente condizentes com a moral de rebanho, promovendo-a ativamente” (WOODWARD, 2016, p. 192).

Ser o suposto médico da cultura essa é a pretensão do sacerdote, ele possui uma única missão: corrigir a existência e guiar seu rebanho ao paraíso. Desse modo,

o sacerdote assume uma função reguladora e normativa, pois ele define o que é normal. Nietzsche nos fala:

[...] e agora temos e apreendemos com ambas as mãos o sentido do sacerdote ascético. A ele devemos considerar o salvador, pastor e defensor predestinado do rebanho doente: somente então entenderemos a sua tremenda missão histórica. A dominação sobre os que sofrem é o seu reino, para ela se dirige seu instinto, nela encontra ele sua arte mais própria, sua mestria, sua espécie de felicidade (NIETZSCHE, 2009, p. 106).

O sacerdote ascético protege seu rebanho, ele é o pastor. Protege dos outros: dos fortes. O sacerdote também tem que ser doente, pois ele deve mostrar-se semelhante ao seu rebanho. Entretanto, ele tem de ser mais forte que eles, justamente porque os fracos têm que se ver nele como exemplo a ser seguido. Aqui há uma primeira contradição no sacerdote ascético: ele tem que ser fraco e forte ao mesmo tempo. Fraco, pois, também é um doente e degenerado; e forte pois é líder e pastor de um completo rebanho, de uma cultura, de um povo.

Não se precisa mais vigiar, cuidar para controlar o rebanho. Em outras palavras, não é necessário mais uma outra força para conter a força. O papel do sacerdote ascético é transformar esse rebanho em culpados contra si mesmo. Daí a origem do pecado. O pecado nada mais é do que ressentimento voltado contra si mesmo, um ódio a si mesmo. Brusotti nos auxilia e acrescenta: “O amortecimento geral da sensibilidade e a direção invertida para trás do ressentimento são ambos puros sintomas dos efeitos dos procedimentos hipnóticos, através dos quais o homem abandona sua depressão” (BRUSOTTI, 2000, p. 23).

A espécie humana, com a criação do conceito de pecado, recebe como gorjeta uma má consciência. Esta seria justamente a interiorização de si, uma saturação de si próprio. Desse modo,

o ‘pecado’ – pois assim se chama a reinterpretação sacerdotal da ‘má consciência’ animal (da crueldade voltada para trás) – foi até agora o maior acontecimento na alma da enferma: nele temos o mais perigoso e fatal artifício da interpretação religiosa. Sofrendo de si mesmo de algum modo, em todo caso fisiologicamente, como um animal encerrado na jaula, confuso quanto ao porquê e o para quê, ávido de motivos – motivos aliviam –, ávido também de remédios e narcóticos, o homem termina por aconselhar-se com alguém que conhece também as coisas ocultas (NIETZSCHE, 2019, p. 120-121).

De onde vem a cola, a coesão que unifica todo rebanho? Por qual motivo somente os fracos se unem? Tais questionamentos nos colocam no cerne do rebanho. O sacerdote ascético é o precursor de uma inversão da moral. Tudo que era visto como forte, dono de si, agora transmuta-se para mal. A lógica cristã é evidente: elogia-se tudo que é fraco, caridoso, compaixão, calmo, passivo. Assim é o rebanho e o sacerdote ascético: passivos. Nietzsche nos explica:

Todos os doentes, todos os doentios, buscam instintivamente organizar-se em rebanho, na ânsia de livrar-se do surdo prazer e do sentimento de fraqueza: o sacerdote ascético intui esse instinto e o promove; onde há rebanho, é o instinto de fraqueza que o quis, e a sabedoria do sacerdote que o organizou. Pois atente-se para isso: os fortes buscam necessariamente dissociar-se, tanto quando os fracos buscam associar-se (NIETZSCHE, 2009, p. 116).

Os fracos se agrupam, pois assim a aterradora e cruel realidade se torna mais passiva, mais fácil de digerir, ou seja, dois estômagos digerem mais rápido que um. O amor ao próximo, a máxima cristã, faz com que todo o sofrimento seja anestesiado diante do drama da vida. Quando alguém é acometido de um sofrimento, o rebanho tenta o corrigir o mais rápido possível. Deve-se suportar o sofrimento como forma de salvaguardar a salvação. Nietzsche se questiona sobre a existência do sacerdote ascético e se pergunta se

[...] deve ser interesse da vida mesma, que um tipo tão contraditório não se extinga. Pois uma vida ascética é uma contradição: aqui domina um ressentimento ímpar, aquele de um insaciado instinto e vontade de poder que deseja senhorear-se, não de algo da vida, mas da vida mesma, de suas condições maiores, mais profundas e fundamentais; aqui se faz a tentativa de usar a força para estancar a fonte da força (NIETZSCHE, 2009, p. 99).

É neste ponto que atual verdadeiramente o sacerdote ascético. É por meio da inversão do ressentimento. O sofrimento já não possui um culpado exterior. O culpado é o próprio sofredor. O sacerdote é incumbido, portanto, ao dever de combater não a gênese do sofrimento, não sua causa em si, mas sim somente o sofrer, a indisposição causada pelo sofrimento.

## 2.4 O ideal ascético no âmbito da ciência

Acreditou-se por um tempo que a ciência, juntamente com seus criadores, os cientistas, seriam os últimos idealistas do conhecimento, que negariam a ascese e todo ressentimento e vontade de outra vida. Acreditou-se que a razão nos mostraria o real caminho a ser seguido para acesso à verdade. Em tese, os cientistas, portanto, são os inimigos, por excelência, do ideal ascético, pois, a princípio, na ciência não haveria espaço para nenhum tipo de crença ou fé e, além disso, eles seriam os que preencheriam as lacunas deixada por Deus. A ciência seria aquela capaz de nos fornecer todas as últimas respostas sobre a vida. Acreditou-se na ciência como sendo a última capaz de dar conta ao sofrimento da vida, gerando respostas satisfatórias e alinhadas ao desenvolvimento tecnológico. Desse modo, a essência da ciência seria o ateísmo.

A ciência, por sua vez, acredita ser um método autossustentável e neutro, um método que existe por si só e que nada tem a agradecer. Além disso, a ciência acredita que, por meio dela mesma, ou seja, da verdade, possa explicar e redimir o mundo. Nas palavras de Nietzsche:

Mas o que força a isto, a incondicional vontade de verdade, é a fé no próprio ideal ascético, mesmo com seu imperativo inconsciente, não haja engano a respeito — é a fé em um valor metafísico, um valor em si da verdade, tal como somente esse ideal garante e avaliza (ele se sustenta ou cai com esse ideal). Não existe, a rigor, uma ciência “sem pressupostos”, o pensamento de uma tal ciência é impensável, paralogico: deve haver antes uma filosofia, uma “fé”, para que a ciência dela extraia uma direção, um sentido, um limite, um método, um direito à existência (NIETZSCHE, 2009, p. 130).

Aqui fica claro o problema central da ciência moderna: ela não conhece suas bases, ou pior, nega e afirma o contrário. Sua base, como que sem perceber, ainda é os ideais ascéticos. A ciência moderna não conhece seus limites e acredita ser dona de si e criadora de si. A ciência

[...] é hoje um esconderijo para toda espécie de desânimo, descrença e remorso, despectio sui [desprezo de si], má consciência – ela é a inquietude da ausência do ideal, o sofrimento pela falta do grande amor, a insatisfação por uma frugalidade involuntária (NIETZSCHE, 2009, p. 129).

A ciência como pretensão de resposta última para o problema da existência, bem como as outras manifestações do ideal ascético na cultura, não escapou de falhas estruturais em sua proposta, pois, para fazer valer seu projeto, teve de se assentar também em uma crença antes. Nesse sentido,

Vê-se que também a ciência repousa numa crença, que não existe ciência 'sem pressupostos'. A questão da *verdade* ser ou não necessária tem de ser antes respondida afirmativamente, e a tal ponto que a resposta exprima a crença, o princípio, a convicção de que '*nada* é mais necessário do que a verdade, e em relação a ela tudo o mais é de valor secundário' (NIETZSCHE, 2012, p. 208-209).

Entretanto, Nietzsche aponta para uma direção no mínimo assustadora, a de que a ciência é a herdeira por excelência do ideal ascético, justamente porque ela — a ciência — ainda acredita na verdade. Sobre a questão da ciência ser pautada ainda em uma metafísica, Giacóia nos ajuda:

Para Nietzsche, todo conhecimento é inevitavelmente guiado por interesses e condicionamentos subjetivos, ideológicos; o conhecimento resulta da projeção de nossos impulsos e anseios, razão pela qual Nietzsche o considera sempre determinado por certa perspectiva, seja individual, seja sócio-culturalmente determinada. Se, como resultado do desenvolvimento das ciências e do aprofundamento do esclarecimento, chegamos à experiência da morte de Deus, então é lícito colocar também em questão o único valor absoluto que ainda permanece reconhecido pela consciência científica contemporânea: o valor absoluto da verdade. A morte de Deus implica, portanto, a possibilidade de colocar em questão a crença na origem divina e no valor absoluto da verdade (GIACÓIA, 2000, p.22)

Portanto, se ainda acredita em uma verdade, necessariamente essa crença é uma crença metafísica. Além disso, a ciência também não seria de forma alguma atea, pois ainda crê na verdade.

### **3. CONTRADIÇÃO NA PRÁTICA ASCÉTICA, RESSENTIMENTO E NIILISMO**

#### **3.1 Contradição ascética**

Neste capítulo trataremos de identificar a contradição fundamental que existe na prática ascética. A contradição existente, para Nietzsche, faz parte do próprio modo de ser dos ideais ascéticos, portanto, o asceticismo é um paradoxo por natureza.

É preciso, antes de iniciarmos nossa análise, fazer uma breve distinção que engloba a discussão acerca do significado dos ideais ascéticos. A distinção consiste no fato de que nem sempre asceticismo está ligado à extrema negação do corpo e do mundo. A forma como Nietzsche trabalha essa problemática na terceira dissertação,

retrata um asceticismo essencialmente antissensualista, ou seja, um asceticismo que, em seu cerne, nega a existência e tudo que há nela de natural. Tal observação se torna pertinente, pois o próprio autor nos fala que a gênese do ideal ascético não foi necessariamente antissensualista. Citando o caso do casamento de Lutero, Nietzsche afirma: “Pois entre castidade e sensualidade não há oposição necessária; [...] Mesmo no caso em que há realmente oposição entre castidade e sensualidade, ela felizmente não precisa ser uma oposição trágica (NIETZSCHE, 2009, p.81). É com essas palavras anteriores que passaremos, agora, para nossa investigação.

A contradição, necessitamos de antemão guardar, é encontrada mais fortemente na figura do sacerdote ascético. Como vimos anteriormente, os ideais ascéticos são respostas últimas para o sofrimento da existência, e eles aparecem nos quatro âmbitos que compõem a cultura. Desse modo, a moralidade cristã, juntamente com o sacerdote ascético, nasce de um profundo não a toda existência e a tudo que é visto como natural. Se antes, tudo que era forte, guerreiro, dono de si, legislador de si era visto como bom, agora, com a transvaloração provocada pela moral cristã, tudo que é fraco e apaziguador é louvado. Aqui se encontra, portanto, a gênese de toda tradição cristã ocidental, herdada por nós, homens do conhecimento moderno.

Se os fortes dizem sim à vida, conseqüentemente os fracos dizem não. Entretanto, Nietzsche aponta para uma peculiar contradição contida na prática ascética. Esse Não, dito pelo fraco, transmuta-se também em um Sim, pois ele depende da vida para sobreviver. Seu objetivo, a verdade, só é alcançável por meio deste mundo. O sacerdote ascético, especialmente, ele precisa sobreviver para guiar seu rebanho. O que seria das ovelhas? O ideal ascético ganha forma aqui de um mecanismo de remédio, mas um remédio contra a depressão. A contradição significa preferir “um nada seguro a algo incerto para deitar e morrer” (NIETZSCHE, 2005. p. 15).

Portanto, fica claro agora a real contradição existente na prática ascética. Seu “Não” à vida necessariamente produz outros “Sins”. O sacerdote ascético, em certa medida, também deve ser forte, ou melhor dizendo, mais forte que os fracos, pois, os fracos têm de se enxergarem nele. Resumidamente, Nietzsche nos fala: “O Não que ele diz à vida traz à luz, como por mágica, uma profusão de Sins mais delicados, sim, quando ele se fere, esse mestre da destruição, da autodestruição — é a própria ferida que em seguida o faz viver (NIETZSCHE, 2009, p. 102).

### 3.2 Ressentimento e niilismo

Primeiramente, em que medida os ideais ascéticos estão relacionados com ressentimento e niilismo? Entender a relação existente entre os conceitos nos ajuda a compreender de forma clara a complexidade existente na prática ascética. O asceticismo não se resume a simplesmente um modo de ser que Nietzsche expressou. O ressentimento advindo da prática ascética nos permite conhecer um novo aspecto do comportamento humano. O asceticismo definiu um movimento e influenciou ativamente na cultura. O niilismo é, quando analisado sob a ótica dos conceitos de ideais ascéticos, o objetivo do asceta. Para este, é preferível se apegar a algo, mesmo que não seja sensível a seus sentidos, do que aceitar a incontestância da existência.

A atenção volta-se mais uma vez para a figura do sacerdote ascético, pois é através dele que o ressentimento ganha vida e consegue aparecer. Se, antes, o ser humano procurava exteriorizar seus sentimentos em um outro, como se procurando um culpado para aquilo, agora, com o homem ressentido, todos os sentimentos voltam-se para dentro do indivíduo. Não se procura mais um culpado, justamente porque o culpado se torna a própria pessoa. Não se procura mais na natureza externa algo ou alguém para exprimir a vontade. O ser humano agora sofre de uma interiorização de si mesmo. Essa é a artimanha, o jogo que o sacerdote ascético faz para controlar seu rebanho de ovelhas. Interiorizando o humano em si mesmo, não precisa mais de vigilância, pois o rebanho vigia-se a si. O sacerdote ascético induz, portanto, a seu rebanho, uma espécie de excesso de sentimento interiorizado. Daí também que se encontra a gênese do que no cristianismo ficou conhecido como pecado. Nietzsche nos fala:

[...] o sacerdote ascético é aquele que muda a direção do ressentimento. Pois todo sofredor busca instintivamente uma causa para seu sofrimento; mais precisamente, um agente; ainda mais especificamente, um agente culpado suscetível de sofrimento — em suma, algo vivo, no qual possa sob algum pretexto, descarregar seus afetos, em ato ou in effigie [simbolicamente]: pois a descarga de afeto é para o sofredor a maior tentativa de alívio, de entorpecimento, seu involuntariamente ansiado narcótico para tormentos de qualquer espécie (NIETZSCHE, 2009, p. 108).

O sacerdote, além de ser também um negador hostil à vida, ele também convence os outros a se tornarem a mesma coisa, também um negador. O ser humano

interiorizado não se dá conta de que seus sentimentos estão petrificados dentro de si. E será assim por toda tradição cristã ocidental. O pecado, isto é, a interiorização do humano nada mais é que um artifício para criar uma autodisciplina, autovigilância de um povo. O ser humano, portanto, passa a ser domesticado pelo ideal ascético.

A mudança feita pelo sacerdote ascético não diz somente ao que tange a teoria, mas sim ultrapassa e perpassa também o âmbito da prática. O que acontece com um bando de seres humanos cansados de si, enjoados de si? A degeneração psicológica não basta ao sacerdote ascético. Ele também tem que destruir o corpo, infligir dor ao corpo e sentir prazer nisso. Daí que o ressentimento também é visto na deformação fisiológica, pois “a confiança na vida se foi; a vida mesma tornou-se um *problema*” (NIETZSCHE, 2012, p. 13).

Toda tradição cristã, portanto, é essencialmente uma corrente de pensamento que transforma os sãos em doentes, os fortes em fracos, os autônomos e dependentes, os orgulhosos em compassivos. Tornar o homem pecador é o objetivo do sacerdote ascético, pois,

o “pecado” — pois assim se chama a reinterpretação sacerdotal da “má consciência” animal (da crueldade voltada pra trás) — foi até agora o maior acontecimento na história da alma enferma: nele temos o mais perigoso e fatal artifício da interpretação religiosa. Sofrendo de si mesmo de algum modo, em todo caso fisiologicamente, como um animal encerrado na jaula, confuso quanto porquê e o para quê, ávido de motivos — motivos aliviam — , ávido também de remédios e narcóticos, o homem termina por aconselhar-se com alguém que conhece também as coisas ocultas — e vejam! ele recebe uma indicação, recebe do seu mago, o sacerdote ascético a primeira indicação sobre a “causa” do seu sofrer: ele deve busca-la em si mesmo, em uma culpa, um pedaço de passado, ele deve entender seu sofrimento mesmo como uma punição...” (NIETZSCHE, 2009, p. 120-121).

O cristianismo, assume papel importante na história do ressentimento e do niilismo. O pensamento de Nietzsche, sob a ótica da moral,

“[...]se confirma em sua postura teórica uma profunda pregação contra a religião e a moral tradicionais, bem como contra toda e qualquer filosofia metafísica, pois identifica nesses filósofos verdadeiros sacerdotes disfarçados e nos moralistas verdadeiros raquíticos da investigação moral” (BITTAR, 2003, p. 481).

É com ele que vemos a gênese a máxima do asceticismo, visto que

o cristianismo foi desde o início, essencial e basicamente, asco e fastio da vida na vida, que apenas se disfarçava, apenas se ocultava, apenas se

enfeitava sob a crença em 'outra' ou 'melhor' vida. O ódio ao 'mundo', a maldição dos afetos, o medo à beleza e à sensualidade, um lado-de-lá inventado para difamar melhor o lado-de-cá, no fundo um anseio pelo nada, pelo fim, pelo repouso, para chegar ao 'sabá dos sabás' – tudo isso, não menos do que a vontade incondicional do cristianismo de deixar valer *somente* valores morais, se me afigurou sempre como a mais perigosa e sinistra de todas as formas possíveis de uma 'vontade de declínio', pelo menos um sinal da mais profunda doença, cansaço desânimo, exaustão, empobrecimento da vida – pois perante a moral (especialmente a cristã, quer dizer, incondicional), a vida *tem* que carecer de razão de maneira constante e inevitável, porque é algo essencialmente amoral – a vida, oprimida sob o peso do desdém, e do eterno não, tem que ser sentida afinal como indigna de ser desejada, como não válida em si (NIETZSCHE, 2007, p. 17).

Analisamos até agora diversas características que definem o modo de ser do sacerdote ascético. Tornemos, portanto, esse tema mais essencial: o que significa, em última instância, a existência de tais ideais? Perguntamos o que eles significaram e por que tanto significaram à humanidade.

Todo ideal, ou seja, todo tipo de resposta, vem para tentar dar conta da existência humana, mais especificamente, ao sofrimento da existência humana. O humano sofre, e contra esse fato não há contestação. O sentido para o sofrimento tenta resolver o problema do niilismo. O que fazer quando se percebe que as bases que constituem nossa sociedade estão enraizadas numa profunda mentira, numa metafísica. Pois toda metafísica é essencialmente niilista, na medida em que se torna preferível “querer o nada a nada querer”. Essa vontade de nada é a caracterização essencial de uma época niilista e sem perspectiva de melhoria.

O tema do niilismo nos aparece quando se toma toda tentativa de respostas para o sofrimento da existência humana como sendo respostas metafísicas. Em todos os âmbitos, como vivos, está presente a metafísica. Além disso, cabe a nós uma afirmação: se é metafísica, portanto, é niilista. Deste modo, podemos constatar que, por exemplo, a história do Ocidente nada mais foi do que a história da “vontade de nada”, pois o Deus, o único Deus cristão adorado por essa tradição, é propriamente o Nada.

Fica claro, portanto, em que medida o niilismo está associado com o ressentimento, pois visto que o sacerdote ascético (e toda tradição cristã oriental) que se encontra a gênese do definhamento da espécie humana. É com a mudança no sentido do ressentimento que o ser humano passa a ficar enjoado de si, com raiva de si. Em certo sentido, o sentimento de negação da vida começa antes do sacerdote pelos filósofos, entretanto, é somente com o sacerdote que a transmutação dos

valores acontece. Antes exaltava-se a cultura do guerreiro, do mais forte. Com o sacerdote, se exalta aquilo que é fraco e piedoso.

Concluimos, portanto, que os ideais ascéticos buscam a transvaloração de toda moral existente. Sobre este processo, Giacóia nos acrescenta: “Desse modo, a transvaloração de todos os valores seria a catástrofe da metafísica: um processo que obedece a uma lógica imanente, cujo conceito Nietzsche formulou como *niilismo* (GIACÓIA. 2001, p. 220).

#### 4. CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma abordagem inicial do que significaram os ideais ascéticos para Nietzsche, especialmente na obra *Genealogia da moral*, a fim de entendermos como este conceito agiu no decorrer da história da humanidade em todos os âmbitos que constitui nossa cultura e também sua relação com o niilismo e o ressentimento.

Para atingirmos o objetivo do trabalho, mostramos por meio de análise de pesquisa bibliográfica, e também seguindo exatamente como na obra principal analisada, como o conceito de ideais acéticos são fundamentais para a interpretação da história da moral. E, para atingirmos esse objetivo, definimos dois objetivos cruciais.

O primeiro objetivo foi demonstrar a importância do conceito de ideais ascéticos atuante em cada âmbito da cultura, a saber: a arte, a filosofia, a religião e a ciência. Nietzsche nos mostra que a espécie humana sempre conviveu com um vazio de significação. Nossa vida não possui significado. É neste ponto que os ideais ascéticos assumem um papel de extrema importância. É com a oportunidade de trazer significância à vida que os ideais acéticos tomam forma e poder. Verificamos que para a arte, o ideal ascético pode significar ou não alguma coisa. Analisando o exemplo de Richard Wagner, Nietzsche nos fala que neste caso o ideal ascético significou tanto, que até mesmo uma figura tão forte como Wagner se pôs de joelhos e abraçou, no fim de sua vida, a castidade e a ascese. Já na filosofia, vimos que o ideal ascético é como um elixir vital para o nascimento e crescimento da filosofia. O filósofo precisa da prática ascética, pois acredita que o conhecimento só é alcançável quando se nega totalmente a vida carnal. Para o filósofo, este mundo é apenas uma enganação, uma imitação fraudulenta da verdade em si. Após, iniciamos nossa análise acerca da religião. Nietzsche nos apresenta a persona do sacerdote ascético. Este é fundamental não somente para a análise do âmbito da religião, mas também para uma análise psicológica da questão do ressentimento. O sacerdote será quem liderará o movimento de interiorização do ser humano, será o criador e mantenedor da má consciência, será o líder do rebanho. Por fim, abordamos o conceito de ideal ascético no âmbito da ciência e mostramos como a crença na razão não se concretizou. A ciência, acreditou-se, seria a negadora por excelência de todo asceticismo, com ela a

humanidade veria feitos inimagináveis e toda as respostas seriam encontradas pelo método científico.

Após a análise do que significou os ideais ascéticos em todos os âmbitos que se preocupam em fornecer algum sentido ao drama da existência humana, é constatado que nenhum conseguiu se desvencilhar da prática da ascese. Em determinado momento, é questionado até mesmo se é vontade da vida própria que tal prática não se extingue, pois ela mesma é extremamente prejudicial à vida. É neste ponto que damos ensejo ao próximo objetivo do nosso trabalho.

O segundo principal objetivo específico do trabalho foi o de apresentar a contradição existente no ideal ascético e qual sua relação com os conceitos de ressentimento e niilismo. Acerca da contradição, foi exposto que a prática ascética nega a vida justamente para sobreviver a ela. Em outras palavras, o ascético é aquele que menospreza a vida carnal em detrimento para uma outra. Essa existência, a existência dos sentidos naturais é apenas uma ponte, um caminho para uma outra realidade, espiritual, onde a verdade de todas as coisas estão alocadas. No caso do sacerdote ascético, ele nega esta vida terrena em prol de uma vida espiritual, de um paraíso para viver após a morte. Entretanto, essa negação acontece da vida mesmo, o asceta tem de viver na vida para nega ela mesma. Portanto, aqui se encontra a definitiva contradição na prática ascética.

No que tange ao ressentimento e niilismo, verificamos que o conceito de ideal ascético é responsável por criar, no que Nietzsche chamou, uma má consciência no ser humano. É criado uma patologia, se assim podemos dizer, que adoce a civilização aos poucos. O ser humano passa a ver em si um erro, ou mais especificamente, o erro. Não há mais um culpado exterior, o culpado é o próprio sofredor. O conceito de pecado vem à luz para trancar dentro do ser humano todos os sentimentos, todas as vontades e todos os desejos. Portanto, o efeito crucial dos ideais ascéticos é transformar a espécie humana em pecadora. Por último, nossa análise ataca o conceito de niilismo e sua relação intrínseca com os ideais ascéticos. Niilismo significa a recusa, a não existência, a falta total de sentido. Nesse sentido, parece-nos que o conceito de ideais acéticos vão contra o niilismo, visto que procuram dar significado para nossa existência nesse mundo. Contudo, a direção que a negação dos ideais aponta não é uma direção existente. Os ideais não procuram algo fixo ao nosso olhar, eles procuram o além daqui, uma outra existência. Os ideais ascéticos são contraditórios na prática e significam a negação total da vontade, o declínio e,

portanto, ao niilismo. Nietzsche diz que o fato de os ideais ascéticos terem significado tanto para nós humanos evidencia o fato fundamental de nossa espécie: sua necessidade por significados. O ser humano é aquele que, por natureza, busca dar sentido para sua existência, ou melhor dizendo, busca dar significado para o seu sofrimento em existir.

## 5. REFERÊNCIAS

BITTAR, E. C. B. Nietzsche: niilismo e genealogia moral. **Revista da Faculdade de Direito**, Universidade de São Paulo, v. 98, p. 477-501, 1 jan. 2003. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67598/70208>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2025.

BRUSOTTI, Marco. Ressentimento e vontade de nada. **Cadernos Nietzsche**, v. 8, n. 2, p. 3-34, 2000. Disponível em: < [https://gen-grupodeestudosnietzsche.net/wp-content/uploads/2018/05/cn\\_08\\_01-Brusotti.pdf](https://gen-grupodeestudosnietzsche.net/wp-content/uploads/2018/05/cn_08_01-Brusotti.pdf)>. Acesso em: 11 de janeiro de 2025.

GIACOIA, Oswaldo Junior. **Nietzsche**. São Paulo, PUBLIFOLHA, 2000.

\_\_\_\_\_. **O humano como memória e como promessa**. Petrópolis: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Para a genealogia da moral**. São Paulo, Publifolha, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos ídolos**. Tradução de Jorge Luiz Viesenteiner. Petrópolis: Vozes, 2016.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da moral**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. **O caso Wagner**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_. **O Nascimento da tragédia**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

WOODWARD, Ashley. **Nietzscheanismo**. Tradução de Diego Kosbiau Trevisan. Petrópolis: Vozes, 2016.